UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Yasmim Barros Tassar de Almeida

Entre Ladeiras e Pedra Sabão: mapeamento de jogos e brincadeiras tradicionais em Ouro Preto

OURO PRETO

2026

Yasmim Barros Tassar de Almeida

Entre Ladeiras e Pedra Sabão: mapeamento de jogos e brincadeiras tradicionais em Ouro Preto

Trabalho de Conclusão de Curso que será apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.
Orientadora: Prof.ª Dra. Priscila Augusta Ferreira Campos

Ouro Preto

2026

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE EDUCACAO FISICA
DEPARTAMENTO DE EDUCACAO FISICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Yasmim Barros Tassar de Almeida

Entre Ladeiras e Pedra Sabão: mapeamento de jogos e brincadeiras tradicionais em Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Educação Física.

Aprovada em 26 de junho de 2026

Membros da banca

Profa. Doutora - Priscila Augusta Ferreira Campos - Orientadora Univerisdade Federal de Ouro Preto

Profa. Doutora - Denise Falcão - Univerisdade Federal de Minas Gerais
Prof. Doutor - Bruno Ocelli Ungheri - Univerisdade Federal de Ouro Preto

Priscila Augusta Ferreira Campos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/07/2026

Documento assinado eletronicamente por **Priscila Augusta Ferreira Campos**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/07/2026, às 21:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6°, § 1°, do Decreto n° 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **1145034** e o código CRC **35CF11FF**.

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3559-1518 - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Entre a graduação e o estudante, existe a vida real acontecendo. Nessa vida, sempre sonhei com o momento em que ingressaria na Universidade. Quando ele chegou, surpreendentemente, não foi como eu esperava. Foram quatro anos marcados por perdas, lutos e inúmeros momentos em que pensei não conseguir continuar. Em muitos deles, acreditei que não chegaria até aqui.

Ao mesmo tempo, foi nesse percurso que encontrei pessoas que nunca deixaram de acreditar em mim, mesmo quando eu mesma duvidei. Pessoas que compreenderam minhas ausências, meus silêncios e minhas batalhas. Costuma-se dizer que a faculdade pode nos adoecer, de fato. Mas também pode nos salvar. Felizmente, fui salva, me agarrar à UFOP foi o meu motivo de continuar e recomeçar.

De antemão, agradeço inicialmente a mim, por não ter desistido.

Agradeço aos meus amigos do período 22.2, pela convivência e pelas trocas tão enriquecedoras ao longo dessa caminhada. Torço muito pelo sucesso de todos vocês!

Aos meus pais, Mariza e Giovane, minha eterna gratidão por me ensinarem a valorizar e defender o ensino público, por me incentivarem e me mostrarem o caminho até aqui. Vocês são minhas maiores inspirações.

Às minhas irmãs, Mariane e Nicole, e à minha prima Isadora, por sempre segurarem minha mão e acreditarem em cada passo que dei.

Às minhas amigas Anna Júlia, Isadora e Samantha, por terem sido meu riso e meu refúgio durante a graduação, tornando esse processo mais leve. Levo vocês para a vida.

À minha amiga Camily, por toda a sincronia partilhada desde os primeiros dias de graduação.

À minha amiga Beatriz, pela troca de sonhos e admiração mútua como amigas e professoras.

Aos meus amigos de Itabirito, Gabriel, Rafael e Maria Eduarda, por permanecerem presentes ao longo de tantos anos.

À Ana Carolina, pela parceria forte no início dessa jornada.

À Layla, por sempre me incentivar e dividir os anseios comigo.

À Laura Mello, por todas as vezes em que me lembrou de quem sou, por sempre me mostrar a força e a leveza do amor de uma amizade. A parte de mim que não caberia em ninguém melhor que você.

Agradeço à minha tia Miriam, por dividir o peso dos cuidados familiares comigo, para que eu pudesse seguir na graduação.

Agradeço a todos os professores e trabalhadores do Departamento de Educação Física, pela formação de qualidade que tive a oportunidade de receber. Em especial, aos professores Bruno e Priscila, que me acolheram com tanto carinho na Escola de Educação Física da UFOP e se tornaram grandes referências na minha trajetória.

Ao Porfírio e à Ana Paula, pelo tempo vivido no IFMG. Um espaço que contribuiu profundamente para minha formação pessoal como estudante e profissional como pibidiana.

A todas as minhas alunas e alunos do projeto Bem Viver, que foram fundamentais no meu crescimento. Em muitos momentos, estivemos mais próximos do que eu e minha própria família. Vocês foram fundamentais nesse processo.

Aos meus animais por todo o suporte.

Dedico, de forma imprescindível, às minhas tias-avós e aos meus avós. Nada do que sou existiria sem vocês.

Um agradecimento especial à minha tia Eloisa, por, durante toda a vida, ser quem mais me incentivou e acreditou em mim. Obrigada por me ensinar que “o show tem que continuar”. Seguirei sendo forte e feliz por nós duas.

Àqueles de quem me despedi ao longo da graduação, deixo a importância do registro das memórias.

A vocês, Eloisa Baião, Carolina Corraide, Tio Doca, Antônio, Tia Cacá e Nina. Onde quer que estejam, permaneçam comigo.

Agradeço também aos participantes desta pesquisa, que deram sentido e vida a este trabalho.

“Quando as crianças brincam
E eu as oiço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.
E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinta
Isto no coração.”

Às crianças que vocês foram e que ainda habitam em vocês, minha eterna gratidão.

Resumo

As memórias construídas ao longo da vida são um dos aspectos mais significativos da experiência humana. Elas possibilitam a revisitação de espaços, histórias, relações e trajetórias individuais. No âmbito da memória coletiva, seu registro torna-se fundamental, uma vez que contribui para a preservação da história de uma sociedade constituída por meio das interações entre seus membros. No que se refere às memórias relacionadas a jogos e brincadeiras, estas configuram-se como um patrimônio cultural de práticas que nos dias atuais, encontram-se em risco de desaparecimento. A pesquisa possui o objetivo de mapear e analisar como as antigas formas de interação, ligadas aos jogos e brincadeiras, se manifestam na cidade de Ouro Preto no século XX. Neste estudo foi realizada pesquisa de natureza qualitativa e foi conduzida por meio de entrevistas semi-estruturada, nas quais foram colhidos longos depoimentos de pessoas que tinham em comum a idade, nascidas na primeira metade do século XX, e um espaço social dominante em suas vidas. Por um lado, a pesquisa propiciou dar voz aos moradores da cidade, com o objetivo de manter viva, valorizar e trazer visibilidade à cultura local, através dos registros das entrevistas. Por outro lado pretende dialogar com as teorias do brincar, da infância e da importância do lúdico na formação humana, trazendo autores como Pinto (1998), Àries (1981) e Sulzbach (2000). Como resultados, a hipótese inicial é capaz de demonstrar que as vivências na infância dos sujeitos do território guardam experiências em comum, que precisam ser conhecidas, relatadas e valorizadas.

Palavras-chave: Jogos e Brincadeiras, Ouro Preto, Século XX, Memória.

Abstract

Memories built throughout life are among the most significant aspects of human experience. They enable the revisiting of places, stories, relationships, and individual trajectories. Within the scope of collective memory, their documentation becomes essential, as it contributes to the preservation of the history of a society shaped through interactions among its members. Regarding memories related to games and play, these constitute a cultural heritage of practices that are currently at risk of disappearing. This research aims to map and analyze how traditional forms of interaction associated with games and play manifested themselves in the city of Ouro Preto during the twentieth century. This qualitative study was conducted through semi-structured interviews, from which extensive testimonies were collected from individuals who shared two common characteristics: having been born in the first half of the twentieth century and having experienced a common social space that played a dominant role in their lives. On the one hand, the research provided an opportunity to give voice to the city's residents, with the aim of preserving, valuing, and bringing visibility to local culture through the recording of their testimonies. On the other hand, it seeks to establish a dialogue with theories of play, childhood, and the importance of ludic experiences in human development, drawing on authors such as Pinto (1998), Ariès (1981), and Sulzbach (2000). The initial hypothesis suggests that the childhood experiences of individuals from this territory share common elements that need to be recognized, documented, and valued.

Keywords: Games and Play, Ouro Preto, 20th Century, Memory

Lista de imagens

Imagem 1– Registro da família da Entrevistada 4 ao lado da bicicleta utilizada pela família, em terreno que, atualmente, corresponde ao local de instalação do Supermercado Farid.

Imagem 2 - Imagem 2 –Registro das crianças da família da Entrevistada 2.

Imagem 3- Registro da família do Entrevistado 6 na atual R. Irmãos Kenedy - Ouro Preto .

Imagem 4 - Caminho principal de Vila Rica.

Imagem 5- Brinquedos de família guardados pela Entrevistada 2

Imagem 6 -Quadro de lembranças da ALCAN na casa da Entrevistada 6.

Imagem 7- Entrevistado 6 na escola.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Principais práticas citadas pelos entrevistados

Tabela 2 - Lugares recorrentes das brincadeiras

Tabela 3 - Frequência dos tipos de brincadeiras

Tabela 4- Tipos de aquisição de brinquedos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **10**
1.1. Objetivo geral **12**
1.2. Objetivo específico **13**
1.3. Justificativa **13**
1.4. Metodologia **13**
2. AS LADEIRAS DA INFÂNCIA **15**
3. QUEM ERAM AS CRIANÇAS QUE AQUI BRINCAVAM **21**
3.1. Mapeamento de jogos e brincadeiras em Ouro Preto em diferentes gerações do século XX **29**
3.2. Reabrindo o baú de brinquedos do século XX **36**
4. Considerações finais **41**
5. Referências bibliográficas **43**
APÊNDICE **45**
APÊNDICE 2 **47**
APÊNDICE 3 **58**

1. INTRODUÇÃO

> “Que as coisas continuem como antes: eis a catástrofe.” A infância é promessa de começo, testemunho do eterno retorno do novo e, portanto, de adiamento da catástrofe. Talvez seja por isto que todo poder conservador busque domesticar a infância. Para manter um estado de coisas é preciso, injustamente, conter o indeterminado. Todavia, isto não é senão um modo grotesco de fracassar. Sejam quais forem as forças, a infância resiste: condição e promessa do vivo, ela afirma a persistência inegociável da mutação. (Walter Benjamin, 1984)

O município de Ouro Preto (MG), reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO, destaca-se no cenário internacional pela preservação de suas tradições e de seu patrimônio material, conservando, em grande medida, as características urbanas preservadas de sua formação histórica. Essa estética traz consigo, marcas da colonização portuguesa no Brasil, além de expressar diferenciações estéticas e sociais entre a região central e os morros que compõem a cidade.

A formação histórica de Ouro Preto está diretamente relacionada aos arraiais constituídos entre picos e morros de seu território, fato que expõe as heranças da corrida do ouro e da forte presença da cultura aurífera da cidade. A cidade é formada por moradores que possuem raízes profundamente vinculadas ao território, incluindo famílias centenárias e fortes laços afetivos com seus espaços de convivência, quintais e ruas. Idosos e adultos, aqui construíram suas trajetórias de vida e vivenciaram suas infâncias entre suas ladeiras e brincadeiras.

Além de seu patrimônio histórico, Ouro Preto apresenta uma expressiva população idosa. Frequentemente, os idosos são vistos apenas como indivíduos que já não possuem um papel ativo na sociedade. No entanto, eles constituem um importante registro vivo da história do território, por meio de suas memórias e experiências. A memória estabelece uma ligação entre tempos distintos e pessoas de diferentes gerações, permitindo que vivências e conhecimentos sejam transmitidos e preservados. Dessa forma, a memória exerce um papel fundamental na construção e na manutenção da identidade cultural de uma comunidade.

Em grande parte das famílias, há um idoso que preserva lembranças de diferentes momentos históricos e sociais. Essas memórias, sejam elas positivas ou negativas, representam importantes testemunhos sobre a formação cultural e histórica do território ao qual pertencem. Nesse sentido, a escuta sensível e o registro de suas narrativas tornam-se fundamentais, não apenas para compreender um período que já não faz parte da experiência das gerações atuais, mas também para valorizar as trajetórias de vida dessas pessoas. Além disso, esse processo contribui para a preservação da memória coletiva e para o reconhecimento de histórias que, muitas vezes, são deixadas ao esquecimento (BOSI, 1994).

No âmbito territorial da cidade, espaços tradicionais se destacam, entre eles, o Morro da Queimada. Nesse local ocorreu a “Revolta de Vila Rica”, movimento liderado principalmente pela população insatisfeita com o aumento do controle fiscal da Coroa Portuguesa sobre a exploração do ouro em Minas Gerais. A revolta esteve diretamente relacionada à criação das Casas de Fundição, local que realizava a fundição do ouro e assegurava a cobrança do quinto para a Coroa Portuguesa (OURO PRETO, s.d.). O arraial foi incendiado como forma de punição e como exemplo para os outros rebeldes envolvidos na Revolta de Felipe dos Santos. O Morro da Queimada está na divisa com os bairros Morro São Sebastião e Morro Santana, espaços muito presentes no campo de pesquisa deste trabalho.

Outro local importante nesse contexto é o bairro Cabeças, situado na entrada da cidade, integrante da área histórica da antiga Vila Rica e próximo à região central. O bairro é caracterizado pela presença de manifestações culturais e fortes tradições religiosas que contribuem para a construção da identidade local (FERNANDES; MENDES, 2023). Esses locais apresentam perfis estruturais distintos, de heterogeneidade socioeconômica. As buscas iniciais para a compreensão histórica do território delimitado trazem que:

> [...] tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1938, por seu conjunto arquitetônico e urbanístico. Declarada como Patrimônio Cultural Mundial, em 1980, pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), a cidade é detentora de grande conjunto de arquitetura colonial de arte barroca e rococó do Brasil e de fora da Europa, e sua grande atratividade turística também é fomentada por sua rica cultura festiva e religiosa. É Importante demarcar que a região de Ouro Preto/MG foi construída e constituída majoritariamente pela população negra

> que nela chegou na condição escravizada durante o período da mineração entre os séculos XVII e XIX (FALCÃO; FERNANDES, 2023, p. 79)

É nessa configuração social que o brincar adquire significado. O brincar constitui um importante elemento no desenvolvimento infantil, pois, por meio dessa prática, a criança desenvolve seu senso de coletividade, compreende a dinâmica dos grupos sociais e assimila normas e regras de convivência. Além disso, as brincadeiras refletem aspectos da cultura à qual a criança pertence, permitindo a transmissão de valores, costumes e tradições entre gerações. Nesse contexto, as brincadeiras tradicionais configuram-se como importantes espaços de preservação da memória coletiva, uma vez que representam manifestações culturais capazes de registrar e perpetuar elementos da identidade e da história de uma sociedade.

É a partir dessa paisagem geográfica, histórica e social que se pensou sobre a infância e o direito ao brincar. As questões que levaram à pesquisa são: de que maneira viviam as crianças ouropretanas no século XX?; Quais são seus perfis sociais autodeclarados?; Quais práticas lúdicas?; Quais jogos e brincadeiras vivenciadas por elas?; Quais recursos materiais essas crianças tinham acesso?; Essas crianças tiveram direito a infância?; Até quando?

A partir dessa perspectiva, este trabalho busca compreender não apenas as práticas do brincar e das brincadeiras tradicionais, mas também caracterizar a infância vivenciada nas cidades de Ouro Preto e Mariana. Pretende-se analisar de que maneira essas experiências lúdicas se relacionam com os contextos históricos, sociais e culturais locais, evidenciando o papel das brincadeiras na construção das memórias, das identidades e das formas de sociabilidade infantil nesses municípios.

1.1. Objetivo geral

O presente trabalho, tem como objetivo mapear e analisar como as antigas formas de interação, ligadas aos jogos e brincadeiras, se manifestam na cidade de Ouro Preto no século XX, através da convivência e práticas lúdicas

dessa comunidade, visando contribuir para a preservação e compreensão da cultura brincante ouropretana.

1.2. Objetivo específico

Especificamente, procura analisar as formas que as crianças viviam a infância na cidade de Ouro Preto, no século XX, nos bairros Água Limpa, Morro São Sebastião e Cabeças, bem como inferir o perfil social dos participantes por meio de suas vivências, práticas, cultura e acesso a bens.

1.3. Justificativa

O presente trabalho pretende contribuir com a preservação da memória cultural de Ouro Preto por meio do registro dos jogos e brincadeiras praticadas no século XX. A pesquisa valoriza práticas culturais transmitidas entre gerações e ajuda a evitar o desaparecimento dessas tradições.

O estudo poderá contribuir, também, para futuras pesquisas nas áreas de Educação Física, Educação e Cultura Popular, além de fortalecer a valorização da identidade cultural e do patrimônio imaterial da cidade.

1.4. Metodologia

Essa pesquisa possui caráter qualitativo e adota o método história de vida. A escolha dessa abordagem, se justifica através da necessidade de estabelecer vínculos e aproximação entre a pesquisadora e os participantes. Com isso, busca-se uma forma de dar voz às infâncias que vêm sendo esquecidas e de uma proposta de valorizar com sensibilidade os dados obtidos através delas. (SILVA et al., 2007, p. 32).

Além disso, se ampara na história cultural.

> A História Cultural constitui como objeto de pesquisa, a percepção dos indivíduos no tempo, seus valores, aspirações, modelos, ambições e temores. Visa atingir as percepções individuais e coletivas, que os

> homens constroem sobre o mundo. Interessa-se pelos sujeitos produtores e receptores de cultura. (PEREIRA, 2006, p. 95)

Dessa forma, foi realizado o mapeamento de Jogos e Brincadeiras tradicionais na cidade de Ouro Preto no século XX por meio da entrevista semiestruturada. No seu escopo as questões foram elaboradas no sentido de compreender as memórias da infância de pessoas que fazem parte de um recorte de um tempo e espaço que se referem ao século passado, vivenciadas na cidade de Ouro Preto. São pessoas que tiveram um estilo de vida quando crianças, diferente dos que vivem as crianças atualmente.

Com base nas entrevistas, foram levantados pontos de partida para a análise dos modos lúdicos de socialização de uma época. Com a pesquisa visa-se resgatar as brincadeiras, os brinquedos que se usavam e como era a confecção destes brinquedos e jogos. Pretende ainda levantar as práticas de lazer nos espaços utilizados por esse público e identificar, através desta amostra entrevistada, a média de idade que as crianças desta faixa etária frequentavam a escola, e com quantos anos entraram ao mercado de trabalho, além de outras críticas destinadas à infância e ao lazer.

A escolha da entrevista semiestruturada se deu a partir do entendimento de que este seria o melhor, já que, em se tratando de relatos muitas vezes afetivos, encontra-se a espontaneidade e liberdade na entrevista. Permite também, a comparação entre as versões declaradas pelos entrevistados. Essas idéias, se encontram com o pensamento de Triviños (1987), segundo o qual, “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (TRIVIÑOS, 1987, p. 146)”.

Os sujeitos que participaram da pesquisa, foram homens e mulheres nascidos na primeira metade do século XX, que compartilharam formas de interagir e socializar em uma época em que os brinquedos e brincadeiras aconteciam principalmente nos grupos e nos espaços abertos.

Foram escolhidos moradores dos bairros Cabeças, Água Limpa e Morro São Sebastião. A seleção dos bairros contemplados na pesquisa fundamentou-se, inicialmente, na maior proximidade da pesquisadora com o

público alvo. Além disso, são bairros que guardam importância histórica na formação da sociedade ouropretana.

A entrevista foi realizada nas residências dos participantes, sendo agendadas por meio de contato virtual com os próprios entrevistados ou com seus familiares mais próximos. Os participantes tinham idades entre 58 e 95 anos, e as entrevistas ocorreram entre os meses de março e abril de 2026.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Os relatos foram transcritos e, posteriormente, organizados em categorias, abrangendo aspectos como tipos de brincadeiras e brinquedos, estilo de vida e ambientes.

O projeto passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – COEP – da UFOP (CAAE 87884425.3.0000.5150) e respeitou todas as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução n. 466 de 2012) envolvendo pesquisa com seres humanos.

2. AS LADEIRAS DA INFÂNCIA



Imagem 1 – Registro da família da Entrevistada 4 ao lado da bicicleta utilizada pela família, em terreno que, atualmente, corresponde ao local de instalação do Supermercado Farid.
FONTE: Álbum de fotos da família

Durante o curso de Licenciatura em Educação Física na UFOP, fui surpreendida ao descobrir o universo da infância e os modos de vivê-la. Desde o primeiro período, somos instruídos a enxergar a criança como um sujeito singular, o diferenciando de um adulto miniatura, especialmente no que se diz sobre a sua maturação biológica. Essa compreensão aproxima-se dos estudos de William Corsaro (2011), que representa as crianças como atores sociais competentes, capazes de interpretar, ressignificar e produzir cultura. Para o autor, as crianças não apenas reproduzem o universo adulto, mas participam ativamente da sua construção por meio das relações sociais estabelecidas em seus diferentes contextos de vida.

Ao mesmo tempo em que despertava em mim a curiosidade pela biologia, eu também me perguntava onde se encontrava o sujeito que nasce junto ao ser biológico. Como esse ser social se desenvolvia ao longo da vida?

Esses conceitos, remetem aos estudos de Ariès (1981) na obra intitulada “História Social da Criança e da Família”, na qual o autor debate a questão relativa aos espaços necessários para a criança existir e se desenvolver como um ser que precisa de cuidados, atenção e vivências distintas dos adultos.

Essa necessidade foi identificada na transição do mundo medieval para a modernidade, já que, segundo o autor, “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se deve à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.” (ARIÈS, 1981, p. 50).

Comecei a tentar entender o lugar dessas crianças no mundo, principalmente no tempo-espaço do lazer. Ariès, foi uma grande referência para esse trabalho, para consolidar a ideia que vinha construindo com o passar do tempo sobre o que de fato, eu estava destinada a estudar a respeito dessa época tão rica em suas purezas e complexidades.

O documentário “A Invenção da Infância”, de Liliana Sulzbach (2000), que narra diferentes formas de viver a infância, demonstra a forma como a escola e a família precisam estar alinhadas no desenvolvimento da criança. Esses conceitos remetem às ideias de Pierre Bourdieu sobre o capital social, em que o autor defende que o que a pessoa traz consigo, os conhecimentos familiares compartilhados, influencia na sua experiência educacional.

> O capital social, definido como o conjunto de relacionamentos sociais influentes mantidos pela família, além do capital cultural institucionalizado, formado basicamente por títulos escolares. A bagagem transmitida pela família inclui, por outro lado, certos componentes que passam a fazer parte da própria subjetividade do indivíduo, sobretudo o capital cultural na sua forma ‘incorporada’ (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 21).

As autoras debatem que as diferenças de capacidades dos estudantes devem ser compreendidas tendo como referência o contexto social de onde vieram e não apenas se limitar aos julgamentos de capacidades. Nesse sentido, elas argumentam que:

> Ao dissimular que sua cultura é a cultura das classes dominantes, a escola dissimula igualmente os efeitos que isso tem para o sucesso escolar das classes dominantes. As diferenças nos resultados escolares dos alunos tenderiam a ser vistas como diferenças de capacidade (dons desiguais), enquanto, na realidade, decorreram da maior ou menor proximidade entre a cultura escolar e a cultura familiar do aluno (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 30.).

Ao acolher o indivíduo e entender seu contexto podemos estabelecer contato significativo, intervir na realidade do estudante e juntamente a ele, promover transformações em sua trajetória.

A ideia de infância traz consigo, a necessidade de direito à infância. No Brasil, o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) foi criado tardiamente, já no final do século XX, especificamente no ano de 1990. Esse conjunto de normas e regras, como consta no artigo 1º, dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, trazendo no seu artigo 4º, a efetivação dos direitos referentes à vida.

> Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990)

Os estudos sobre a qualidade de vida das crianças, ganham novas grandes obras e olhares também nessa mesma época. O documentário “A Invenção da Infância” (SULZBACH,2000) problematiza a ideia de infância e nos instiga com a assertiva de que ser criança não significa ter infância. O que seria, então, ter infância?

A infância, estaria relacionada às fases da vida, às “janelas” de crescimento que aquele ser poderia viver enquanto criança, até sua pré adolescência. De acordo com a diretora,

> A infância, como ideia de uma época especial para cada ser humano, surge ao mesmo tempo das grandes descobertas. Já não se morria tão facilmente e começava a valer a pena o investimento nesses seres tão frágeis. Para as crianças, inventa-se a infância quando decide-se deixá-las brincar, ir à escola, ser criança. (SULZBACH, 2000, documentário)

Pensando numa possível concordância com as proposições da diretora do documentário, podemos perceber que as práticas vivenciadas, especialmente os jogos e brincadeiras, possuem um papel fundamental no processo de crescimento da criança e seu papel de “zelar” pela infância, no sentido de resguardá-la e protegê-la como sendo um momento específico na vida da criança e responsável por possibilitar um desenvolvimento saudável. Dessa forma, podemos afirmar, juntamente com Kishimoto (1999), que o lúdico e a criança se comunicam de uma forma quase natural.

> [...] o jogo e a criança caminham juntos desde o momento que se fixa a imagem da criança como um ser que brinca. Portadora de uma especificidade que se expressa pelo ato lúdico, a infância carrega

> consigo as brincadeiras que se perpetuam e se renovam a cada geração. (KISHIMOTO, 1999, p. 11)

Nesse cenário, os jogos e brincadeiras se configuram como formas significativas de comunicação e expressão cultural no ambiente em que a criança está inserida. Essa perspectiva vai ao encontro de conceitos elaborados por Vygotsky (1997), quando defende que os jogos e brincadeiras são grandes aliados no processo de ensino-aprendizagem, pois seus estímulos facilitam na compreensão de códigos, que auxiliam na construção de regras, como também no seu desenvolvimento social.

Para o autor, “os jogos e as brincadeiras influenciam grandemente no desenvolvimento da criança, estimulando a noção e construção de regras, e a sua criatividade, contribuindo assim, para o seu desenvolvimento intelectual, afetivo e social.” (VYGOTSKY, 1997, p. 32)

Ao longo das gerações os jogos e brincadeiras são transformados e ressignificados influenciados por fatores como avanços tecnológicos, urbanização e mudanças nos conceitos de segurança.

Assim, ao mesmo tempo que os jogos e as brincadeiras são reconhecidamente importantes no desenvolvimento infantil e dessa forma, para a sociedade como um todo, também é reconhecido que, com a ampliação da sociedade capitalista, a questão do tempo e dos espaços para os jogos e brincadeiras se tornam um desafio. Isso se deve ao fato de que a produtividade se torna uma grande inimiga do ócio, sendo ele o momento de vivências prazerosas, desejadas, de escolha livre do indivíduo. Como consequência, o tempo destinado a essas práticas sociais, por um lado, têm sido cada vez mais limitadas, dadas as imposições do mundo do trabalho. Por outro, se tornam um sinônimo de resistência para resistir neste sistema e mantê-las vivas. Mascarenhas (2005) explica a tensão entre as exigências do mundo do trabalho e a necessidade de tempos e espaços livres, para o lazer, quando afirma que

> a ruptura com o ritmo “natural” de trabalho, uma imposição peculiar ao capitalismo industrial, como não poderia ser diferente, implicou numa verdadeira revolução do tempo social, opondo tempo livre e tempo de trabalho. A possibilidade de alternância contínua dos momentos de trabalho e não-trabalho começa aí a ser suplantada. Nesta direção, a produtividade expressa pela nova disciplina do relógio torna-se a grande

> inimiga do ócio, invadindo a esfera do tempo livre e buscando conciliá-lo ao trabalho. É então neste movimento de administração do tempo livre, de peleja contra os valores, hábitos e comportamentos inerentes ao ócio, que podemos localizar o aparecimento do lazer, fenômeno condizente com a ideologia da sociedade industrial (MASCARENHAS, 2005, p. 230).

A partir deste marco, caracterizado pelo aparecimento do lazer, Pinto (1998) traz que o lazer está na busca do prazer, da alegria, da liberdade de desejar. Essa vivência do lúdico, gera autonomia, prazer e liberdade. Para ela, os sujeitos buscam as possibilidades para tornar a experiência do lazer concreta, na maior parte dos contextos sociais. Segundo suas palavras,

> Compreendido em sua essência sociocultural como vivência privilegiada do lúdico, isto é, do jogo, da brincadeira, do brincar, do brinquedo e da festa, o Lazer sintetiza-se na busca de prazer, da alegria, pelo exercício da liberdade de desejar, intuir, planejar, organizar ideias, saboreando as atividades. Desenvolve a capacidade de enfrentar riscos e desafios, buscando conquistas coletivas, estimulando a curiosidade, a criticidade, a criatividade e a solidariedade nas realizações das atividades, na ocupação do tempo e do lugar e no lidar com as condições materiais disponíveis para concretização da vivência. (PINTO, 1998, p. 51)

O conceito de lazer, conforme a autora aponta através da busca de prazer e da alegria por meio do lúdico, auxilia na compreensão do objeto deste estudo, que são as vivências de jogos e brincadeiras dos moradores da cidade de Ouro Preto no século XX.

Os elementos que trazem a base desta pesquisa como a infância, os jogos e brincadeiras, o lazer, quando conjuntos, nos possibilitam estudar a construção de uma cultura deste determinado grupo. Estamos considerando que, mesmo que os sujeitos tenham construídos as respectivas subjetividades ao viverem as formas lúdicas em seu tempo e espaço, existe também uma perspectiva referente às memórias, que é coletiva, ou seja, podem ser compartilhadas socialmente e que, por isso mesmo, muitas vezes, têm mais força nas formas de expressão. Nesse sentido, Pollak (1992) afirma que

> a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. (POLLAK,

1992, p.4)

Partindo do pressuposto que essas práticas se configuram como um espaço de luta e de resistência, para que a infância pudesse ser vivida com alegria e compartilhando experiências, mesmo que em um contexto de obrigação à obediência e a disciplina imposta pelo capital e pela sociedade à época. Como afirma Pinto (1998), o lazer emerge neste momento de recompensa praticadas nos tempos livres da sociedade

> Por um lado, o modelo capitalista criou novas condições de vida e a necessidade de novas práticas sociais, que auxiliassem a adaptação dos indivíduos à realidade que se impunha, moldada pelos valores políticos da obediência e da disciplina, e pelos valores econômicos da racionalidade técnica e eficiência do produto prefixado. Por outro lado, nesse mesmo contexto emerge o lazer como fenômeno sociocultural histórico que nasceu da luta de trabalhadores por espaços de tempo disponíveis e privilegiado viver o lúdico. O lazer nasceu como momento para gozar a vida é um dos espaços de luta pela sua qualidade. Resultou de reivindicações sociais oriundas da necessidade de redução da jornada de trabalho, gerando remuneração de fins de semana, férias e feriados (PINTO, 1998, p. 22).

Dessa forma, trata-se de uma abordagem crítica, uma vez que as experiências serão antepostas a partir de um contexto de exploração do trabalho e, até mesmo de repressão se considerarmos o período da “Era Vargas” e da Ditadura militar brasileira, nos anos de 1965 até 1985.

3. QUEM ERAM AS CRIANÇAS QUE AQUI BRINCAVAM



Imagem 2 – Registro das crianças da família da Entrevistada 2
FONTE: Álbum de fotos da família

As crianças aqui relatadas apresentam características fortemente voltadas às vivências coletivas e aos encontros construídos nos espaços de convivência abertos. Suas experiências estavam profundamente ligadas aos afetos e às amizades formadas durante a infância. Amizades que se formaram em ruas, terreiros, campos, bicas e quintais, onde os encontros e as práticas lúdicas aconteciam de maneira espontânea e compartilhada. A proximidade entre as famílias e a convivência entre vizinhos favoreciam a criação de vínculos e a troca constante de experiências entre as crianças.

Entrevistado 1- Homem, 90 anos de idade, nascido e criado no bairro Morro São Sebastião, em Ouro Preto. Em seu relato, demonstra saudosismo pelas vivências de sua infância no bairro, apesar das limitações considera ter vivido uma infância feliz. Caçula entre cinco irmãs, recebeu incentivo familiar para os estudos, mas optou por ingressar precocemente no mundo do trabalho.

Entrevistada 2- Mulher, 82 anos de idade, professora aposentada, nascida e criada no centro da cidade de Ouro Preto. Ao longo de sua trajetória profissional, lecionou em instituições tradicionais da cidade, como o Colégio Arquidiocesano e a Escola Municipal Alfredo Baeta. Em seu relato, demonstra um olhar sensível e crítico sobre a infância, destacando sua atuação em defesa dos direitos de seus alunos a vivenciarem plenamente essa etapa da vida. Suas memórias são traçadas por afetos e recordações das brincadeiras, dos espaços de convivência

e das experiências de sua própria infância na cidade, preservadas até os dias atuais por meio de brinquedos e sua história de vida

Entrevistada 3- Mulher, 72 anos de idade, nascida e criada no bairro Morro São Sebastião. Demonstra uma infância marcada por dificuldades, limitações de acessos e experiências traumáticas, embora a reconheça como um período de felicidade e importantes aprendizados. Desde muito jovem, assumiu responsabilidades domésticas. Em seus relatos, traz forte presença nas lembranças de convivência nos espaços de bica com as lavadeiras de roupas[1].

Entrevistada 4- Mulher, 62 anos de idade, nascida e criada no bairro Água Limpa. Única filha mulher da família, relata uma infância marcada pelas responsabilidades domésticas e pelos cuidados dedicados aos irmãos, assumidos desde cedo em seu cotidiano. Em suas memórias, destacam-se os fortes laços de amizade e vizinhança construídos com as moradoras do bairro, relações que permanecem vivas até os dias atuais. Demonstra também forte presença religiosa e uma educação baseada em disciplinas.

Entrevistada 5- Mulher, 57 anos de idade, nascida em uma família tradicional da comunidade do Morro São Sebastião. Demonstra satisfação ao recordar a trajetória vivida no bairro, destacando os fortes vínculos afetivos construídos ao longo da vida com familiares e vizinhos. Suas memórias retratam grande participação na vida comunitária, especialmente por meio das manifestações religiosas e festividades organizados pela comunidade.

Entrevistado 6- Homem, 73 anos de idade, morador da primeira casa da Rua Irmãos Kennedy no bairro Água Limpa. Relata bastante sobre o antigo "Campo de Lírios", atual "Campo da Água Limpa", espaço que aparece de forma

[1] Nas memórias dos entrevistados do bairro São Sebastião, as lavadeiras de roupa ocupam lugares de grande importância. Essas mulheres eram responsáveis pela lavagem de roupas nas diversas bicas do bairro, tanto para suas famílias quanto como forma de trabalho externo,configurando uma das principais formas de trabalho feminino presentes no bairro naquele período. As bicas, mais do que um local destinado ao trabalho, marcam importantes espaços de encontros. As lembranças associadas a esses ambientes são marcadas por sentimentos de pertencimento, uma vez que muitas crianças acompanhavam as lavadeiras em seu cotidiano, observando suas atividades, auxiliando nos serviços e encontrando ali oportunidades de convivência com outros grupos da comunidade.

recorrente nas falas dos moradores do bairro como local de encontros das crianças para brincadeiras comunitárias. Demonstra também forte presença da religiosidade em sua trajetória de vida, ingressou no ministério de padres, mas não chegou a conclusão.

Entrevistada 7- Mulher, 95 anos de idade, moradora do bairro Cabeças, relata que seus momentos destinados às brincadeiras eram limitados, ocorrendo principalmente aos domingos. Suas brincadeiras reproduziam práticas observadas no cotidiano do lar e religioso, como encenações de batizados e outras atividades ligadas à vida da igreja.

Entrevistada 8- Mulher, 89 anos, moradora do bairro Morro São Sebastião. Reconhecida pela comunidade como a moradora mais tradicional atualmente viva do bairro. Suas memórias guardam características sobre o começo da sociedade do bairro, as famílias que contribuíram para a formação da comunidade e os modos de vida em diferentes períodos de sua história. Ao recordar a infância, descreve uma realidade marcada pela escassez material, na qual as possibilidades de compra e acesso a bens eram bastante limitadas. O contato com a natureza e as atividades manuais que integravam a rotina das famílias. Seus relatos evidenciam uma infância simples, marcada pela imaginação, pelos saberes locais e pela forte ligação com a comunidade.

Entrevistada 9- Mulher, 65 anos, cresceu no bairro Cabeças, sua construção de laços de amizade vem principalmente do bairro Água Limpa. Pertence a família tradicional do bairro. Uma infância marcada por muitos desafios relacionados à depressão pós parto da mãe e a vontade de estudar negada pelo pai. Relata com muito carinho sobre as cantigas de roda e apreço pelo lúdico através da leitura. Relata em sua entrevista forte ligação com o pai e os passeios pelos distritos em família.

Entrevistada 10- Mulher, 60 anos, moradora do bairro Morro São Sebastião, gostava de jogar futebol com os irmãos homens, leva uma vida muito próxima aos amigos de infância ainda na vida adulta. Demonstra ser uma pessoa rígida.

Entrevistada 11- Mulher, 63 anos, moradora do bairro Água Limpa, extremamente popular, uniu muitos ciclos de convivência no bairro. Demonstra ter sido uma criança que aproveitou bastante de seu ambiente escolar e dos seus tempos de brincadeiras.

Entrevistada 12- Mulher, 79 anos, moradora do bairro Cabeças, demonstra uma vida voltada aos privilégios. Irmã mais nova da família. Não misturava muito com as brincadeiras de rua. Se tornou professora e chegou a lecionar Educação Física por influência do irmão que também era professor. Também lecionou na antiga FEBEM.

Entrevistada 13- Mulher, 59 anos, moradora do bairro São Sebastião. Atualmente é uma das responsáveis por divulgar e preservar a cultura popular do bairro, sendo bastante influente na sociedade ouropretana. Teve uma infância simples e diversa, que a fez criar fortes laços com sua terra.

Entrevistada 14- Mulher, 83 anos, moradora do bairro Água Limpa, lecionou por muitos anos na escola do bairro Morro São Sebastião, sendo homenageada e premiada até os dias de hoje por seu trabalho diferenciado com os alunos. Criada pelo pai, demonstra muito afeto familiar e mantém tradições da família até os dias de hoje, como as amêndoas da páscoa.

Entrevistado 15- Homem, 60 anos, morador do cabeças. Mostra uma infância voltada ao laço familiar, a natureza e as “molecagens”. Nunca foi muito ligado aos estudos, ainda mantém amizades feitas na infância até os dias de hoje.

Entrevistado 16- Homem, 61 anos, morador do bairro São Sebastião. Apegado às tradições da família, possui forte apego com o bairro. Casado com uma de suas amigas de infância em que dividia quintais e criação.

A época que estavam situadas, era marcada pela simplicidade, mesmo que em uma cidade economicamente ativa. Isso tudo evidencia como as transformações provocadas pela indústria capitalista alteraram significativamente as formas de viver a infância.

> “Isso aqui tá totalmente diferente, né? Agora você não vê mais crianças brincando. Antes você via menino para tudo quanto é lado, jogando bola, correndo, brincando de pegador, era tudo, né? Agora não. Você vê os meninos só dentro de casa, só no celular, acabou. Você não vê mais os meninos brincando. Por isso que o futebol do Brasil tá acabando. Virou tudo comercial demais, agora virou dinheiro.” (ENTREVISTADO 2)

Além disso, trata-se de uma infância marcada por responsabilidades familiares. Ao mesmo tempo em que essas crianças vivenciavam a liberdade do brincar, da descoberta e da criação, também precisavam cumprir deveres e obrigações para evitar punições físicas e castigos.

Os relatos revelam crianças fortemente ligadas às famílias, sobretudo às mães e avós, figuras que aparecem de maneira recorrente nas memórias apresentadas e naquela época, responsáveis pelo cuidado do lar. Em contrapartida, os pais são frequentemente descritos como mais frios ou mais distantes, muitas vezes em razão das exigências do trabalho, ainda que permanecessem presentes nos momentos de descanso familiar.

> *“Antigamente a gente tinha muito medo dos pais, né? Respeito, mas era medo. Hoje não. Hoje o pai fala com o filho e o filho responde. Naquela época não tinha isso. A gente respeitava muito. Então a gente brincava, mas quando chamava, a gente já saía correndo para dentro de casa. Mas a gente brincava.” (ENTREVISTADO 2)*

> *“Ele era meio carrancudo. Não era muito de brincar com a gente, não.” (ENTREVISTADA 6)*

Os relatos de crianças que antes mesmo de seus 12 anos, carregavam latas de 20 quilos de água na cabeça ou batiam "bala delícia" ainda quente para ajudar seus familiares a vender, mostram como a vivência da infância nas camadas da classe média da sociedade era atravessada pelo trabalho e pelas responsabilidades precoces. Como aponta Ariès (1981), a ideia de infância como uma fase distinta e protegida é uma construção histórica que não alcançou todas as crianças da mesma maneira. Ainda assim, o brincar surgia como um espaço de liberdade e resistência. Mesmo diante das exigências do trabalho doméstico, as brincadeiras permitiam que essas crianças se afastassem, ainda que temporariamente, das responsabilidades do mundo adulto

> *“A gente tinha que carregar água, tinha que ir na fonte para lavar roupa. Às vezes a gente ia banhar e depois, à tarde, era para carregar água.*

> *Com 7 anos nós tinha que mexer no fogão, tinha que buscar água, porque a nossa água era na cabeça, fazendo baldinho. Tinha aquelas latas de 20 kg. Quando a gente era menor tinha a de 5 kg, a de 10 kg e depois a de 20 kg. A gente tinha que encher um barril, desses que põe vinho, né? Água. Depois o pessoal fazia um tanque de tijolo em casa, na cozinha, e tinha que encher. (ENTREVISTADA 6)*
>
> *E quando vocês iam buscar água, vocês não brincavam com a água? (ENTREVISTADORA)*
> *"Não podia não. Não dava, porque a distância era muito grande. Se ficasse brincando, não trazia água para casa. Além de encher a nossa casa, tinha que encher das tias também, que eram casadas, que não tinham menino, e a gente tinha que ajudar também." (ENTREVISTADA 6)*
> *"A gente trabalhava muito, né? A gente ajudava em casa, porque tinha que ajudar os pais. Meus pais criavam galinha, porco. Minha mãe lavava roupa para estudante e a gente tinha que ir buscar roupa. Também buscava verdura nos botecos, nas vendas, para tratar dos porcos.*
> *Ah, desde pequeno, desde novo a gente ajudava. Eu e minha mãe fazia pirulito, inclusive o apelido que eu tenho é 'Pirulito', porque a gente entregava os pirulitos que minha mãe fazia. Ela também lavava fato de boi, bucho, e a gente entregava dobradinha também." (ENTREVISTADO 2)*

Também se evidenciam divisões bastante marcadas entre meninas e meninos, revelando que as experiências femininas eram mais restritas em comparação às masculinas. Para além da reprodução de estereótipos, essas diferenças podem ser compreendidas como formas de preparação e reprodução para os papéis sociais dispostos a cada gênero. Enquanto as meninas eram direcionadas para brincadeiras associadas ao cuidado e às atividades domésticas, os meninos vivenciavam práticas que favoreciam maior autonomia, movimento e ação. Vemos que desde a infância, as barreiras entre os universos masculino e feminino se expressavam na própria cultura lúdica, na qual às meninas era reservado o espaço do cuidado, enquanto aos meninos se associavam funções relacionadas ao sustento e à ação.

> *Os meninos faziam a casinha. Os meninos traziam os bichinhos pra gente cozinhar. Então, adorava trazer, tipo, tadinho do bichinho, desse tamanhozinho. A gente cozinhava. Era gambá ... eles faziam churrasco de gambá. (ENTREVISTADA 4 E 9)*
>
> *Só que aconteceu uma coisa muito assim: aos 9 anos minha mãe morreu. Deixou uma irmã. Então eu tinha duas primas, Prima 1 e Prima 2. Olha pra você ver que coisa interessante. Ficavam com inveja porque diziam que minha boneca era de verdade. E elas só iam lá para casa para poder ajudar a tomar conta da "boneca". Tanto que ela tem um apelido hoje de Manhosa, porque ela não podia dar um "A" que tinha duas, três pessoas para tirar ela da cama. Então ela pensou: 'agora eu*

> *fico chorando aqui'. Era caçula. Mas era a vida né? Tinha uma outra também de 2 anos (ENTREVISTADA 2)*

> **"***Eu sou a terceira. Sempre a gente olha, né? Na nossa geração todo mundo tinha aquela obrigação, porque a mãe tinha muitos filhos. Hoje em dia a mãe tem um filho, dois, mas as mães do passado tinham muitos. Minha mãe foi mãe de seis filhos, então os mais velhos cuidavam dos mais novos" (ENTREVISTADA 8)*

> *"Além de ajudar a olhar os meninos, como eu era filha única mulher, eu ajudava minha mãe na cozinha desde criança. Desde pequena. Minha mãe fazia bala delícia para vender e com 8 anos, ela já colocava a bala quente na minha mão para bater." (ENTREVISTADA 3)*

> *"Eu aprendi pequenininha a trocar fralda de criança. A gente sabia, limpava o menino direitinho e era fralda de pano com alfinete. A gente punha a mão da gente por baixo para não machucar o neném. Dava mamadeira, tudo a gente sabia fazer." (ENTREVISTADA 3)*

A religião aparece como elemento fortemente presente na constituição dessas infâncias, atravessando práticas cotidianas, brincadeiras e até mesmo os espaços onde as crianças conviviam.

> *O pessoal que era da mesa administrativa da igreja passava pras crianças, né? No caso, pra gente, na época, dez números, né? Assim, aí cada um saía com os números. É de 1 a 25. Aí a gente pegava e vendia. A gente queria vender, aí depois que vendia todos os números, rodava a roleta. Aí, na hora que saía o número lá, a gente saía gritando qual o número que saiu, né, pra poder dar pra pessoa que a gente vendeu. E também tinha leilão, né? Leilão e tinha pescaria também. Dependendo da festa, mas o leilão era muito interessante, né. (ENTREVISTADA 13)*

Os relatos demonstram que já existiam diferenciações sociais perceptíveis nas experiências infantis, seja na separação entre grupos de determinadas ruas, no status atribuído a algumas escolas ou nas diferentes formas de acesso e vivência da infância. Para além disso, as crianças aqui crescidas consideram ter vivido uma infância feliz, relembrada de forma saudosa pelos entrevistados. Entretanto, os relatos também evidenciam as dificuldades enfrentadas naquele tempo, marcado por limitações, trabalho precoce e baixa proteção social. Ao analisar as entrevistas, percebe-se que, embora os indivíduos acreditem ter vivido uma infância proveitosa à uma criança, a experiência da infância esteve distante da realidade apresentada atualmente aos direitos

assegurados às crianças e adolescentes, hoje estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Outro aspecto presente nas memórias, são ligadas a existência da antiga FEBEM[2], local que aparecia no imaginário infantil como um lugar de medo entre crianças e adolescentes. Quando portavam de um “comportamento ruim” ou eram crianças bagunceiras, ou seja, crianças vivendo de forma mais livre. Essas ameaças se associavam principalmente na linguagem do antigo termo, hoje não mais utilizado “Meninas da FEBEM”

> Recordo-me que em minha adolescência na cidade de Ouro preto, havia algumas meninas das quais muito se falava e as quais muito se evitava: eram as “meninas da FEBEM”. Quando o nosso comportamento (o das meninas que não tiveram o mesmo destino das que foram para a instituição) se tornava inadequado, ou quando parecíamos agressivas, vulgares ou desarrumadas, diziam-nos que estávamos parecendo as meninas da FEBEM; quando nos comportávamos de maneira “mal-educada”, ameaçavam-nos de nos enviar para a FEBEM, da mesma forma como ameaçavam as crianças em outros tempos, de chamar para elas o “homem do saco” (FERREIRA, 2019, p.13)

Em relação à escolarização, ainda que a continuidade dos estudos não fosse obrigatória naquele período, grande parte dos entrevistados, inclusive os mais velhos, deram prosseguimento à formação escolar. Muitos chegaram aos cursos profissionalizantes, demonstrando que, mesmo diante das dificuldades sociais e econômicas, a educação ocupava um lugar importante na trajetória dessas crianças e de suas famílias.

Os perfis analisados revelam como, mesmo em uma cidade do interior, coexistiam diferentes universos infantis, marcados por condições sociais, culturais e familiares distintas.

[2] A FEBEM (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor) foi uma instituição criada para acolhimento e internação de crianças e adolescentes considerados abandonados, órfãos ou em conflito com a lei. Em Ouro Preto, a instituição marcou a memória social da cidade principalmente pela extensa área onde funcionava, conhecida hoje como “antiga FEBEM”. A instituição possuía um caráter disciplinador, duro e assistencialista, o que refletia a forma de controle social da infância pobre presentes no século XX. (Meninas da FEBEM: uma análise de narrativas de ex-internas da FEBEM de Ouro Preto)

3.1. Mapeamento de jogos e brincadeiras em Ouro Preto em diferentes gerações do século XX



Imagem 3 – Registro da família do Entrevistado 6 na atual R. Irmãos Kenedy - Ouro Preto
FONTE: Álbum de fotos da família

No início do século XX, o centro urbano de Ouro Preto passou por um processo de redefinição de seu perfil socioeconômico e cultural. Cabe ressaltar que entre 1823 a 1897, a cidade era capital do estado de Minas Gerais. Com a transferência da capital para Belo Horizonte, em 1897 e o declínio da exploração aurífera, Ouro Preto, mesmo vista por fora como um território "abandonado", mantinha um grande acervo patrimonial, tanto material quanto cultural, que começaria novamente a ser explorado. Além disso, inicia-se às atividades industriais, sendo muito falada pelos entrevistados principalmente a antiga fábrica "ALCAN[3]". Outro ponto são os cursos profissionalizantes, também muito citada a antiga Escola Técnica[4], atual IFMG. Não podendo esquecer que aqui também já existiam os cursos de Farmácia e Engenharia, da atual UFOP[5]. Isso tudo, começa a trazer o perfil da Ouro Preto que conhecemos atualmente, a cidade do interesse

[3] A Alcan (Aluminium Limited of Canada) foi uma empresa multinacional canadense do setor de alumínio que adquiriu a Elquisa, em Ouro Preto, no ano de 1950, tornando-se a primeira multinacional a atuar no mercado brasileiro de produção de alumínio primário e produtos transformados de alumínio. Posteriormente, suas operações no Brasil originaram a Novelis, adquirida em 2007 pela Hindalco Industries Limited. (Operário Verde)

[4] A antiga Escola Técnica foi fundada em 1944 por professores da Escola de Minas, a instituição foi elevada à condição de autarquia federal em 1959, passando a se chamar Escola Técnica Federal de Ouro Preto (ETFOP). (Informações disponíveis no portal institucional do IFMG)

[5] A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) foi criada em 1969, a partir da incorporação da Escola de Farmácia (1839) e da Escola de Minas (1876), instituições tradicionais da cidade de Ouro Preto. (Informações disponíveis no portal institucional da UFOP)

turístico e migração por interesses acadêmicos, impactando práticas culturais e relações sociais.

As entrevistas também revelaram que a cidade se mostrava pouco convidativa em relação aos espaços centrais de convivência. Os encontros e relações sociais aconteciam em sua maioria, nos próprios bairros, havendo pouca circulação e integração entre diferentes grupos da cidade. Em relação aos morros, o acesso ao centro era ainda mais limitado, sendo frequentado principalmente para estudo ou trabalho. Dessa forma, as atividades de socialização e convivência também se concentravam nos bairros de origem dos entrevistados.

> *"E subia no escuro, né? Que não tinha luz.Tudo andando a pé.Porque foi em 2000 e pouco que começou o ônibus aqui, né? Essa linha de ônibus aqui não é muito antiga, não." (ENTREVISTADO 1)*
> ***"Era como se fosse outra cidade então, né?" (ENTREVISTADORA)***
> *"Exatamente. Tanto que a gente tem até o hábito hoje da gente falar assim, ah nós vamos lá na cidade" (ENTREVISTADO 1)*

No que se refere às práticas lúdicas, os primeiros registros na cidade datam de 1726, indicando a permanência de tradições ao longo dos séculos XVIII e XIX. Dados coletados por meio das entrevistas apontam para a continuidade de práticas sociais herdadas do século XIX, tais como a realização de piqueniques em família, o gosto pela música em encontros sociais e a tradição dos bailes. (BOHRER, 2011).

Ao considerar o contexto de Ouro Preto, marcado pela fama de patrimônio histórico e pelo interesse de públicos externos, observa-se um desligamento relacionado às experiências cotidianas da população local, especialmente daqueles que contribuíram historicamente para a construção social da cidade. Nesse cenário, inicia-se o discurso de uma Ouro Preto para turistas e uma Ouro Preto para seus moradores.

A sistematização dos jogos e brincadeiras identificados nas memórias dos moradores de Ouro Preto reforça que o brincar não é uma atividade natural, mas um processo de aprendizagem social e de relações interindividuais.

As tabelas que virão a seguir permitem observar essas influências e a diversidade através das vivências infantis, evidenciadas pela frequência com que

determinados bairros aparecem associados aos diferentes espaços disponíveis e às práticas neles realizadas.

A tabela 1 apresenta as brincadeiras relatadas com maior frequência nas entrevistas. Outras brincadeiras como Chicotinho Queimado, Barra Manteiga, Maria Mariola, Pegador, também foram citadas, mas em menor frequência.

Tabela 1 - Principais práticas citadas pelos entrevistados

PRINCIPAIS PRÁTICAS	MENINAS	MENINOS	TOTAL
FUTEBOL	4	4	8
CORDA	12	2	14
CIRANDA	12	2	13
QUEIMADA	12	4	16
TOTAL	40	11	

FONTE: Realizado pela autora (2026)

Os dados evidenciam diferenças de gênero nas brincadeiras mais comuns. Entre as 12 mulheres entrevistadas, apenas quatro relataram ter participado de jogos de futebol, enquanto apenas dois homens mencionaram ter brincado de ciranda. A queimada, por sua vez, apareceu como a brincadeira mais recorrente e favorita entre os entrevistados, sendo percebida como uma prática menos marcada por distinções de gênero. Durante as análises, é possível reparar que as mulheres apresentaram lembranças mais detalhadas de suas experiências lúdicas, descrevendo com maior riqueza de informações as formas como as brincadeiras eram vivenciadas, enquanto os homens forneceram relatos mais breves.

> *Eles só brincavam de bola. (ENTREVISTADA 14)*
> ***E a senhora jogou futebol? (ENTREVISTADORA***
> *Eu não. Nunca na vida. (ENTREVISTADA 14)*
> ***Nunca? Já quis? (ENTREVISTADORA)***
> *Nunca. Podia querer, né? Jogar futebol, não. Jogava queimada.Isso aí, lógico. Não era futebol, mas a queimada eu não perdia uma. (ENTREVISTADA 14)*

Já a tabela 2 apresenta os principais locais de ocorrência das brincadeiras.

Tabela 2 - Lugares recorrentes das brincadeiras

LUGARES QUE BRINCAVAM	ÁGUA LIMPA	CABEÇAS	MORRO SÃO SEBASTIÃO	CENTRO	TOTAL
RUA	4	3	7	1	15
QUINTAL	4	4	7	1	16
CAMPOS	4	3	7	0	14
BICAS DE ÁGUA	2	2	7	1	12
CACHOEIRA	0	0	6	0	6
ESCOLA	4	4	7	1	16
LARGO DE IGREJAS	4	3	7	0	14
LAGOAS	4	3	0	0	7

FONTE: Realizado pela autora (2026)

Os dados indicam que determinados espaços de brincadeira eram comuns nos quatro bairros analisados, como as ruas, os quintais, os largos de igreja e as escolas, reforçando a importância dos espaços cotidianos na construção das experiências infantis. Por outro lado, também obtivemos espaços mais presentes em determinados bairros. Espaços como lagoas e cachoeiras, ajudam a mostrar as particularidades e características de seus grupos.

Durante o levantamento dos dados obtidos através das entrevistas, também se revela que alguns dos lugares que marcaram suas infâncias já não existem mais ou foram significativamente transformados pelo crescimento urbano e pelas mudanças na dinâmica da cidade. Campos improvisados, córregos, bicas e jardins foram parte dos elementos vividos para a sociabilidade entre as crianças, demonstrando até hoje um forte vínculo afetivo a eles. Um dos espaços que hoje se encontra em ruínas localizada na Rua Rio Itabira, é a antiga escola do Morro São Sebastião, mencionada tanto pela Entrevistada 8 quanto pelo

Entrevistado 1. A escola permanece preservada nas memórias dos entrevistados, que trazem a importância desse local nas experiências vividas durante a infância.

Por fim, a tabela 3 apresenta os tipos de brincadeiras predominantes nos bairros pesquisados.

Tabela 3 - Frequência dos tipos de brincadeiras

BRINCADEIRAS						TOTAL
	ELEMENTO NATUREZA	REFERÊNCIAS DE CASA	LUTAS	RODA	RELIGIÃO	
ÁGUA LIMPA	4	3	1	3	4	15
CABEÇAS	2	3	1	3	4	13
SÃO SEBASTIÃO	7	5	2	6	0	20
CENTRO	1	1	0	1	0	3
TOTAL	14	12	4	13	8	

FONTE: Realizado pela autora (2026)

Ainda que os resultados possam estar relacionados à quantidade desigual de participantes entre meninas e meninos na pesquisa, observa-se uma predominância de brincadeiras ligadas à natureza, reforçando as reflexões de Benjamin (1984) acerca dos materiais, dos brinquedos e de suas transformações. As brincadeiras de luta portanto, apresentam uma frequência compatível com o número de participantes do sexo masculino. Já as práticas relacionadas à religião concentram-se entre os entrevistados que viveram em áreas mais próximas ao centro histórico de Ouro Preto, onde as tradições religiosas se fazem mais presentes e exaltadas.

A seguir, apresenta-se um mapa da formação da cidade de Ouro Preto, que ilustra a configuração de seus morros e os caminhos que os ligavam, evidenciando as distâncias e a organização espacial entre as localidades aqui relatadas.

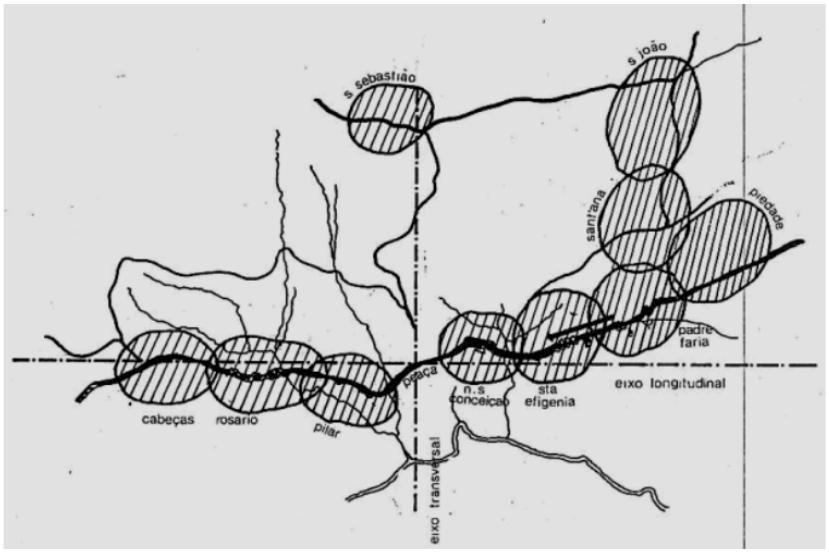


Imagem 4 - Caminho principal de Vila Rica
Fonte: Vasconcellos (1977, p. 72).

Portanto, as brincadeiras não se configuram como práticas naturais ou puramente instintivas, mas são construídas a partir das vivências culturais e sociais da criança, tornando-se elementos fundamentais no processo de desenvolvimento e formação da personalidade infantil (BROUGÈRE, 1997). Por meio do brincar, o ser humano explora o mundo ao seu redor, aprende regras, desenvolve a autonomia e exerce o livre arbítrio ao decidir participar das atividades disponíveis, sendo assim possível a brincadeira feita longe de imposições. Nesse processo, o ambiente em que está inserida influencia diretamente sua autodescoberta, uma vez que os brinquedos, as relações sociais e símbolos culturais disponíveis contribuem para a formação de valores, comportamentos e formas de interação.

> "A brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito; rompendo com a visão tradicional de que ela é atividade natural de satisfação de instintos infantis, o autor [Vygotsky] apresenta o brincar como uma atividade em que, tanto os significados social e historicamente produzidos são construídos, quanto novos podem ali emergir" (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 171)

As práticas coletivas relatadas, como o jogo de Cruzada ou as brincadeiras de roda, exigem o exercício constante de negociação e cooperação. Através da perspectiva histórico-cultural, o “faz de conta” social determina um acordo quanto aos significados de papéis e ações. Sem essa organização em grupos, a

brincadeira não aconteceria. Esse processo permite que a criança explore o imaginário e construa de forma conjunta e efetiva, sua personalidade e subjetividade. Dessa forma, o “cozinhadinho” ou a encenação de batizados citados pelos entrevistados não eram apenas imitações, mas, espaços de representações, onde a criança experimentava posições e identidades presentes na sociedade que estavam inseridas.

Ao tratar do período em que as crianças participantes desta pesquisa cresceram, é possível identificar os reflexos do projeto de sociedade da época. Esses reflexos aparecem tanto na diferenciação entre as brincadeiras destinadas a meninas e meninos quanto na presença das práticas religiosas, especialmente cristãs, nas vivências lúdicas dessas crianças. (BROUGÈRE, 1997)

> *"Principalmente quando eu morava lá na rua de baixo, que eu falei que eu brincava pouco, porque não tinha menina da minha idade. As meninas que tinham lá já eram mocinhas e só tinha os meninos, né? E eu só tinha irmão homem também. Mas, algumas vezes, eu fui goleira." (ENTREVISTADA 4)*

O contato cotidiano com a natureza, a proximidade entre as famílias e a presença dos tradicionais quintais de vó, configuravam experiências distintas daquelas vividas nos centros urbanos, influenciando diretamente as preferências por determinadas brincadeiras e materiais para brinquedos.

A influência do ambiente manifesta-se de forma especialmente evidente nas experiências relacionadas a acessos básicos, como o acesso à água. Os relatos dos moradores do bairro Morro São Sebastião revelam uma diversidade de vivências ligadas aos centros de captação de água, se tratando especialmente de 4 fontes principais de “bicas” frequentadas pelas crianças, principalmente meninas, bem como aos momentos de convivência enquanto seus familiares lavavam as roupas das famílias.

> *“Eu almoçava e depois a gente ia para a fonte. Minha mãe era lavadeira, vovó também. Aqui no morro tem várias fontes. Então tem a Fonte do Córrego, tem a Fonte do Buraco, tinha a Fonte d'Água. A vovó, a mãe e as avós lavavam muito na Fonte do Buraco e na Fonte do Córrego. Era assim: tinha época que tinha água na Fonte do Córrego e tinha época que tinha água na Fonte do Buraco. Quando não tinha água na Fonte do Córrego, as lavadeiras iam para a Fonte do Buraco. E nessa fonte, cada lavadeira tinha uma pedra. Então, a vovó tinha a pedra dela, tinha a cestinha dela, não tinha só a pedra. E aí a gente ia, ajudava, levava as*

> *coisas. Às vezes, a mãe estava lá e a gente levava alguma coisa para ela" (ENTREVISTADA 13)*

> *"Ah, ficava em casa. Aí a gente tinha que ir pra fonte lavar roupa. Tinha as fontes aqui de água, as bicas. Tinha Jacaré, tinha Gandu, Cata e o D'Água. E a gente tinha que carregar água, tinha que ir na fonte para lavar a roupa. Às vezes a gente ia de banhar e depois, à tarde, era para carregar água." (ENTREVISTADA 8)*

Essas experiências diferenciam-se significativamente da realidade urbana de cidades como Ouro Preto, onde já havia acesso à água encanada e menor necessidade de recorrer diretamente aos recursos naturais para a manutenção das atividades cotidianas.

> Sabemos que no seu brincar, a criança constrói e reconstrói simbolicamente sua realidade e recria o existente. Porém, esse brincar, criativo, simbólico e imaginário, enquanto forma infantil de conhecer o mundo e se apropriar originalmente do real, está sendo ameaçado pela interferência da indústria cultural e, conseqüentemente, pela falta de compreensão dessa necessidade no ambiente escolar. (VOLPATO, 2002, p. 224)

Nesse sentido, os relatos das crianças aqui crescidas, revelam vivências fortemente vinculadas aos espaços comunitários e a criatividade diante dos recursos disponíveis, onde imaginação e a interação social desempenhavam papel central nas formas do brincar.

3.2. Reabrindo o baú de brinquedos do século XX

Como as crianças não brincam em um ambiente neutro, elas utilizam as substâncias materiais e imateriais propostas pela cultura e pelo meio geográfico para construir seu universo lúdico. No contexto da cidade de Ouro Preto do século XX, a topografia das ladeiras, os quintais, campos e a presença de bicas d'água funcionaram como um ambiente introdutório, moldando práticas que exigiam o exercício constante de habilidades socioemocionais.

Por meio dessas interações coletivas, a criança conseguia construir sua experiência de se relacionar com o mundo de maneira ativa, exercendo sua autonomia e livre arbítrio.



Imagem 5 - Brinquedos de família guardados pela Entrevistada 2
FONTE: fotografadas durante a entrevista

Os brinquedos possuem um papel importante como mediador da relação entre a criança e o mundo que a cerca. Na perspectiva de Walter Benjamin em Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação (1984), a ideia de que o brinquedo determina a brincadeira perde força quando se entende que a própria construção e ressignificação dos objetos podem se transformar em uma brincadeira. Nesse processo, os objetos não carregam seus significados comuns. São as crianças que, por meio da imaginação, da criatividade e da experiência, atribuem novos sentidos e funções aos materiais disponíveis. O ambiente, os elementos culturais e os símbolos presentes nas vivências infantis influenciam a forma como as crianças interpretam e utilizam os objetos, participando ativamente da construção dos significados que levarão durante a brincadeira.

A tabela 4 apresenta os materiais utilizados na confecção dos brinquedos relatados pelos entrevistados. Existe uma predominância de brinquedos produzidos manualmente, evidenciando a criatividade das crianças e a vivência da confecção dos próprios objetos Embora brinquedos comprados também apareçam nos relatos, materiais como madeira, pano, ferro e papelão revelam a frequente reutilização de recursos no cotidiano, determinando novos significados aos materiais.

Tabela 4- Tipos de aquisição de brinquedos

	BRINQUEDO				
MATERIAIS	ÁGUA LIMPA	CABEÇAS	SÃO SEBASTIÃO	CENTRO	TOTAL
MANUAL	4	4	7	1	16
ELEMENTOS DA NATUREZA	1	0	7	1	9
COMPRADO	0	4	3	1	8
PLÁSTICO	0	0	3		3
MADEIRA	1	0	5	1	7
FERRO	0	2	0	1	3
PANO	4	4	0	1	9
PAPELÃO	0	2	0	1	3

FONTE: Realizada pela autora (2026)

Ao analisarmos os brinquedos mencionados pelos entrevistados, observamos uma forte presença de elementos relacionados à natureza, como terra, capim, chuchu, insetos, flores, pedras, madeira, entre outros que recebem sentido através do imaginário infantil[6]. Outro aspecto relevante é que esses brinquedos apareceram com maior frequência nas entrevistas realizadas no bairro São Sebastião, região com menor acesso ao centro da cidade.

> *"Antes a gente não tinha as bonecas. A gente apanhava os matos, arrancava e fazia boneca com o mato. Fazia tranças nas raízes dos matos, e a raiz era o cabelo. Não tinha roupa nem fisionomia, era só o formato mesmo. O corpo dela era do mato. Depois a gente fazia boneca de pano também, arrumava os retalhos e fazia. A gente brincava ainda de fazer roupa, tipo sandália e saia com mato." (ENTREVISTADA 6)*

Ainda no âmbito da relação com a natureza, os relatos dos meninos destacam brinquedos associados à caça e à simulação de animais, enquanto as

[6] As transformações econômicas e políticas do século XXI modificaram profundamente as experiências infantis. Com a influência neoliberal, o brincar passa a ser cada vez mais condicionado pelo mercado e pelo capital, fazendo com que o consumo ocupe um papel central na vida das crianças e na maneira como elas se reconhecem socialmente, muitas vezes com sentidos já pré determinados pelos adultos. (AMBONI; OLIVEIRA, 2025, p. 4)

meninas, trazem elementos ressignificados para construção de bonecas e pertences de casa.

Contudo, conseguimos analisar como os espaços em que essas crianças cresceram influenciaram nos seus gostos pelos brinquedos produzidos ou adquiridos. Como exemplo, destaca-se uma das entrevistadas que cresceu no bairro Centro localizado na divisa entre o Morro São Sebastião e o centro da cidade. Nesse contexto, a Entrevistada 2, vivenciou a convivência entre ambas as realidades, o que contribuiu para uma prática mais diversificada, tanto em termos de variedade cultural, quanto de acessibilidade aos brinquedos e formas de brincar.

> "Os brinquedos orientam a brincadeira, trazem-lhe matéria. Algumas pessoas são tentadas a dizer que eles as condicionam, mas então, toda a brincadeira está condicionada pelo meio ambiente. Só se pode brincar com o que se tem, e a criatividade, tal como a evocamos, permite, justamente, ultrapassar esse ambiente, sempre particular e limitado." (Brougère)

A boneca de papelão, citada diversas vezes pelas entrevistadas, chamadas bonecas de papelão "feias e duras", foram descritas como objetos de grande apego emocional.

> *"A gente era pobre, fala a verdade, né? Quando chegava a época de Natal era aquela alegria. Para a gente não deixar de acreditar no Papai Noel, minha tia, que morava com a gente, dava aqueles bonecos de papelão que não podia nem molhar. Um dia eu dei banho na boneca de papelão e ela desmanchou toda, né? Então, para não falar que não ganhou nada, compravam aquelas bonecas de papelão, e quando ganhava era a maior alegria da turma." (ENTREVISTADA 11)*

Além disso, materiais como madeira, pano e ferro aparecem de forma marcante nos relatos, evidenciando a materialidade desses brinquedos. Após a chegada da ALCAN (1950), os brinquedos passaram a apresentar características mais industrializadas, sendo descritos como feitos de "plástico duro", enquanto as bonecas eram comparadas às de "tipo porcelana".



Imagem 6- Quadro de lembranças da ALCAN na casa da Entrevistada 6
FONTE: Registro durante a entrevista

- *“Essa era a única boneca grande que a gente tinha. Depois tinha as médias e as pequenininhas, tipo de porcelana. A grande era aquela de porcelana que dormia, né? Ela abria e fechava os olhos. Ganhei essa no Natal. As outras eram de plástico mesmo, um plástico mais duro, mas tinha média e tinha pequena.” (ENTREVISTADA 10)*

“Primeiro era aqueles bonecos de papelão. Depois surgiu aquelas bonecas de plástico, que não tinham roupa. Depois foi mudando, né?” (ENTREVISTADA 2)

As transformações nos brinquedos acompanharam as mudanças vividas pela própria evolução da cidade. A passagem dos bonecos de papelão e dos brinquedos confeccionados com materiais simples para as bonecas de porcelana e plástico, objetos mais industrializados evidenciam não apenas uma mudança na materialidade, mas também nas condições de acesso ao consumo da população ouropretana, marcada principalmente pela presença da ALCAN. Ainda assim, os relatos mostram que o valor dos brinquedos não estava associado à sua sofisticação ou materialidade, mas aos sentimentos e às experiências que se despertavam durante a imaginação vivenciadas nas brincadeiras.

4. Considerações finais



Imagem 7- Entrevistado 6 na escola
FONTE: Álbum de fotos da família

A presente pesquisa permitiu mapear e analisar a vivência do universo lúdico de Ouro Preto no século XX, revelando que o brincar, longe de ser um instinto biológico, se caracterizava como uma atividade social e culturalmente construída.

Os relatos dos 16 entrevistados demonstram que as ladeiras, as bicas d'água e os largos de igrejas não eram apenas cenários geográficos, mas funcionavam como um ambiente introdutor que desafiava a criatividade e promovia a autonomia infantil. O uso de materiais heterogêneos para realizar construções de brinquedos disponíveis em seus arredores, confirma a tese de Walter Benjamin sobre o "brinquedo autêntico", onde a criança adota uma nova função em relação ao significado original dos objetos para atender aos seus desejos criativos. Além disso, a ocupação das ruas exigia o exercício constante de habilidades socioemocionais, como a negociação e a cooperação, essenciais para a constituição da personalidade e para a inserção social em um contexto comunitário.

Contudo, ao confrontar essas memórias com a infância do século XXI, observa-se o que a literatura denomina como "expropriação do brincar" através da lógica neoliberal. Enquanto as gerações anteriores construíam sua subjetividade na interação com o meio e com os pares, a infância contemporânea é marcada por um brincar muitas vezes solitário e mediado pelo consumo de tecnologias e meios digitais. O sentido da vida e o valor social da criança passam a ser frequentemente ditados pelo capital, resultando muitas vezes na perda da atividade criadora livre, da formação de autenticidade e do autoconhecimento.

Portanto, o mapeamento realizado não cumpre apenas um papel de registro histórico das brincadeiras, mas serve como um ato de preservação do

patrimônio cultural imaterial de Ouro Preto. Manter vivas essas memórias é uma forma de resistência que reafirma a importância de espaços públicos de convivência e do direito à infância plena, protegida por seus direitos, livre de ditos e imposições comerciais.

Conclui-se que o "brincar entre ladeiras" ofereceu a essas crianças, um local de humanização que precisa ser valorizado e garantido para as futuras gerações, assegurando que a criança continue a ser um ator social ativo e produtor de sua própria cultura.

5. Referências bibliográficas

AMBONI, Giovana Gazoli; **OLIVEIRA**, Rogerio Massarotto de. **Infância, neoliberalismo e a expropriação do brincar. Licere**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, set. 2025.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. (Obra original publicada em 1973).

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. **A invenção da infância**. Direção: Liliana Sulzbach. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre, 2000. 1 vídeo (52 min).

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

CARVALHO, A.; **SALLES**, F.; **GUIMARÃES**, M.; **DEBORTOLI**, J. A. **Brincares**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CARVALHO, Janaína Nogueira Maia et al. (Org.). **A sociologia da infância**: possibilidade/s de voz e ação da criança e sua/s infância(s). Campo Grande: Ed. UFMS, 2022.

CUNHA, Ana Cristina Mota da Costa; **BARROS**, João Luiz da Costa. **O brincar na perspectiva da abordagem histórico-cultural de Vigotski: breves considerações.** In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU)**, 7., 2021. Anais [...] Campina Grande: Realize Editora, 2021.

FALCÃO, Denise; **FERNANDES**, Josué. **O lazer como protagonista de resistência e luta. Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 79, 2023.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MANZINI, Eduardo. **Um estudo sobre a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturada. Revista Cocar**, v. 21, n. 39, 2024.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Autores Associados, 1987.

MARTINS, Edna; **SZYMANSKI**, Heloisa. **Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas. Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, n. 1, p. 177-187, abr. 2004.

MASCARENHAS, Gilmar. O tempo do lazer: A construção da modernidade e o lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 217-232.

MEIRA, Ana Marta. **Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. Psicologia & Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 74-87, dez. 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice; **NOGUEIRA**, Cláudio. **Pierre Bourdieu e a teoria social**: uma introdução à prática. Petrópolis: Vozes, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice; **NOGUEIRA**, Cláudio. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 15-36, abr. 2002.

PEREIRA, Maria Juvanete Ferreira da Cunha. **O Arquivo Público enquanto lugar de memória. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História**, Brasília, n. 10, p. 95, 2006.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PINTO, Leila. **Lazer, concepções e significados. Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 22, 1998.

PINTO, Leila. **Políticas públicas de esporte e lazer: caminhos participativos. Motrivivência**, Florianópolis, n. 11, p. 51, 1998.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; **MACIEL**, Diva Albuquerque; **BRANCO**, Angela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 16, n. 34, p. 169-179, ago. 2006.

VASCONCELLOS, Sylvio S. de. **Vila Rica**: debates arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE



Modelo formulário para entrevista semi-estruturada

O presente documento apresenta um modelo preliminar de roteiro para entrevista semiestruturada, a ser utilizado em uma pesquisa vinculada ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, cujo objetivo é investigar a cultura de jogos e brincadeiras na cidade de Ouro Preto durante a primeira metade do século XX.

A pesquisa será desenvolvida por meio de entrevistas com moradores locais, revisão de literatura, análises críticas e triangulação de dados, visando à construção de uma compreensão aprofundada sobre o tema proposto. A execução do projeto está prevista para o mês de maio de 2026.

As perguntas podem sofrer alterações em seu formato ao decorrer das entrevistas de acordo com as respostas dadas pelos entrevistados, mas com o mesmo cunho de embasamento.
Observação: A entrevista será feita de maneira presencial, o documento serve apenas de exemplo de sua estrutura.

Como éramos crianças?

1. Quando
   você era criança, quais eram as brincadeiras que você mais costumava brincar? Cite ao menos 3
2. Quais
   eram os brinquedos que vocês costumavam usar? Como vocês tinham acesso a esses
   brinquedos?
3. Em
   qual lugar vocês costumavam brincar?
4. Até
   qual idade frequentou a escola?
5. Você
   sente que teve infância?
6. Conte para gente um momento feliz da sua infância.

Finalização

1. Você autoriza o uso dessas respostas com seu nome e suas informações compartilhadas ao público?
2. Caso tenha, pode nos dar uma imagem sua quando criança para ilustração do trabalho?
3. Agradecimentos.

APÊNDICE 2

Cruzada:

A brincadeira era realizada em grupo e envolvia uma dinâmica semelhante ao esconde esconde. A entrevistada relatou que “reunia aquela turminha” e uma das crianças se escondia enquanto as demais saíam à sua procura. O participante escondido era chamado de “cruzada”,então o grupo saía à procura gritando “cruzada de fulano, cruzada”. Quando a pessoa escondida saía do esconderijo ou era encontrada, ela deveria correr e tocar outro participante, que passava a assumir o papel de “cruzada” na rodada seguinte.

Chicotinho queimado ou Tico tico queimado: versão descrita por vários entrevistados alinhadas no senso comum

Um jogador escondia “uma varinha” ou qualquer outro objeto, enquanto os demais aguardavam geralmente posicionados de costas para não ver o esconderijo. Após o objeto ser escondido, era dado o sinal para começarem a busca. Enquanto procuravam, o participante responsável por esconder o objeto, dava orientações como “frio (quando estava longe) “morno (quando estava aproximando) e “quente (quando estava perto). Quando o objeto era encontrado, o jogador se “queimada” e passava a assumir a função de esconder o objeto na rodada seguinte, dando continuidade à brincadeira.

Cozinhadinho: versão descrita por entrevistadas alinhadas no senso comum

A brincadeira se dava através de um “fogãozinho”, geralmente feito com pedras ou tijolos, utilizado para o preparo de alimentos reais. Conforme o relato, a montagem do fogão costumava ser realizada por meninos ou por adultos, enquanto as meninas praticavam o “cozinhadinho”. *As crianças se organizavam entre si para que cada participante levasse de casa algum ingrediente para ser feito a “comidinha”*. Os utensílios utilizados, como panelas e talheres, eram improvisados a partir de latas ou de utensílios domésticos antigos.

Salada de fruta:

A brincadeira acontecia a partir da associação entre frutas e práticas afetivas. Cada fruta representava um tipo de beijo, como uva (beijo na testa), maçã (beijo na bochecha) e limão (beijo na boca), entre outros. Um dos jogadores ficava vendado, posicionado à frente de uma fila formada pelos outros participantes. Todos da fila deviam passar pela pessoa vendada, que escolhia o nome de uma fruta sem saber quem estava ali naquele momento. A fruta escolhida ditava qual gesto deveria ser realizado, de acordo com as combinações definidas pelo grupo. As participantes relatam que essa brincadeira era praticada quando se tinha interesse em alguém que estava na brincadeira. *“Aí, quando tinha algum pretendente na fila e a pessoa estava lá vendada, a gente dava um jeito de pedir alguma fruta que fosse beijo na boca”.*

Noroeste:

Os participantes se dividiam em dois grupos. Um grupo perguntava: "De onde vieste?", ao que o outro respondia: "De noroeste". Em seguida, perguntava-se: "O que trouxeste?", e a resposta era: "Um ofício". A partir daí, uma criança representava, por meio de mímicas, uma profissão ou atividade, enquanto os demais tentavam adivinhar qual era o ofício encenado.

Quatro Cantos:

Participavam cinco crianças. Quatro delas permaneciam em cantos demarcados, enquanto uma ficava no centro. Quando os participantes dos cantos trocavam de lugar, a criança que estava no meio corria para ocupar um dos espaços vagos, ficando no centro quem não conseguisse alcançar um canto a tempo.

Rouba Bandeira:

Brincadeira realizada entre duas equipes, cada uma com um campo e uma bandeira. O objetivo é invadir o campo adversário, capturar a bandeira e levá-la para o próprio lado sem ser tocado pelos jogadores da outra equipe. Vence o grupo que conseguir trazer a bandeira adversária para seu campo.

Escravos de Jó:

Os participantes cantam a cantiga "Escravos de Jó" enquanto passam ou movimentam objetos, como pedras ou tampinhas, em ritmo sincronizado com a música. O objetivo é acompanhar a sequência dos movimentos sem errar o ritmo da cantiga.

Brincar de missa:

As crianças reproduziam as práticas observadas nas celebrações religiosas, encenando uma missa. Entre os participantes, havia quem representasse o padre e os demais assumiam os papéis das pessoas da igreja, imitando rezas e outros momentos da celebração.

Caça:

- Caçar paquinha: Brincadeira feita no período do verão, quando as crianças procuravam a paquinha, um inseto que vivia no subterrâneo e costumava aparecer com mais frequência em épocas de calor.

-Caçar frutas As crianças percorriam os arredores em busca de frutas nativas, como murici, ticum e ingá.

Caçar tatu e gambá – As crianças se reuniam para ir ao mato acompanhadas de cachorros, que auxiliavam na procura dos animais. Havia grupos que se dedicavam à caça de tatu e outros à caça de gambá, formando equipes. A atividade consistia em seguir os cães e tentar localizar os animais, embora nem sempre conseguissem encontrar.

Cabra Cega:

Uma das crianças tinha os olhos vendados e precisava localizar os demais participantes apenas por meio do tato e da audição. Os outros jogadores se movimentavam ao redor, tentando evitar ser capturados. Quem fosse alcançado passava a ocupar o lugar da cabra-cega

Barra Manteiga:

Os participantes eram divididos em dois grupos, posicionados em lados opostos.

Uma criança se aproximava do grupo adversário, dava uma palmada na mão de um dos participantes e corria. Se fosse alcançada, passava a integrar o outro grupo. Se conseguisse escapar, era o participante perseguido que mudava de equipe. A cada rodada, o grupo aumentava de acordo com quem fosse capturado, vencendo a equipe que reunisse o maior número de participantes.

Birosca ou Bolinha de gude:
Brincadeira realizada com pequenas bolinhas de vidro, na qual os participantes lançavam suas bolinhas em direção a um alvo ou tentavam atingir as bolinhas dos demais jogadores.Cada grupo tinha suas regras estabelecidas, exigindo precisão e habilidade nos movimentos.

Jogo de 21:
Jogo de cartas em que cada participante recebia três cartas. O objetivo era somar os valores das cartas e obter 21 pontos ou o valor mais próximo possível, vencendo quem alcançasse a pontuação mais próxima de 21.

Truco

Belisca ou Três Marias:
Brincadeira realizada com cinco pequenos saquinhos confeccionados pelas próprias crianças e preenchidos com milho ou pedrinhas. Os participantes lançavam os saquinhos e os recolhiam seguindo diferentes etapas e combinações, como pegar um de cada vez, dois de uma vez ou três juntos, exigindo coordenação e habilidade manual

Cama de gato:
Brincadeira em que uma criança se agachava discretamente atrás de outra pessoa distraída, enquanto um terceiro participante a empurrava levemente, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio e caísse para trás.

Garrafão:

Os participantes desenhavam uma garrafa no chão. Enquanto alguns jogadores tentavam atravessar o espaço sem serem tocados, um ou mais participantes permaneciam dentro do garrafão tentando pegá-los. Quem fosse tocado passava a ocupar o garrafão, dando continuidade à brincadeira.

Finco:

É desenhado triângulos no chão, geralmente em áreas de terra ou areia, e um objeto pontiagudo, geralmente de ferro, é arremessado para que ele fique cravado. Quando isso acontece, o jogador avança em direção ao campo adversário, com o objetivo de conquistar território e dominar o espaço do oponente.

Bente Altas:

Disputado entre duas duplas, o jogo utiliza tacos de madeira, uma bola e duas pequenas bases, chamadas de "casinhas", geralmente feitas com gravetos, varetas ou latas que ficam posicionadas a certa distância uma da outra. O objetivo da dupla atacante é rebater a bola longe para que consigam correr trocando de lugares enquanto a equipe adversária tenta recuperar a bola e derrubar a casinha ou eliminar os jogadores fora da base. Se marca ponto a cada troca das duplas, a cada casinha derrubada e quando se pega a bolinha no ar.

Queimada:

Duas equipes posicionadas em campos opostos, separados por uma linha central. O objetivo do jogo consiste em eliminar os jogadores da equipe adversária por meio do arremesso da bola que deve atingir o oponente e em seguida, tocar o chão. Os participantes eliminados são encaminhados para uma área localizada atrás do campo adversário, conhecida como "cruza", de onde podem retornar ao jogo caso consigam atingir um adversário de primeira.

Mestre mandou:

Uma criança era selecionada “mestre” e iniciava a brincadeira com a cantiga: “Boca de forno”, as outras respondiam: “Forno”. Em seguida, o mestre dizia: “Se o

mestre mandar", e os participantes respondiam: "Faremos todos"; depois completava: "E se não for?", respondiam: "Ganharemos bolo". Após a cantiga, o mestre determinava uma tarefa para os participantes. Quem não conseguisse cumprir o que havia sido pedido "ganhava bolo", conhecido como prenda.

Vareta:

Realizada com pequenos palitos coloridos espalhados sobre uma superfície. O objetivo consistia em retirar as varetas sem movimentar as outras. Caso algum participante mexesse outras varetas, deveria passar a vez ao próximo jogador. Cada cor de vareta correspondia a uma determinada quantidade de pontos, sendo vencedor aquele que acumulasse a maior pontuação ao final da partida

Maré ou Amarelinha

CANTIGAS:

1-

"Eu entrei, ah, eu entrei na roda,
eu entrei na roda, dança,
ah eu entrei na roda, dança,
mas não sei dançar.
Todo mundo se admira
do macaco fazer renda.
Eu já vi uma perua
tomar conta de uma venda"

2-

"Tem uma linda laranja, menina,
só ela que eu tenho,
ela é verde e amarela,
vira "fulana" à esquerda, janela.
(As participantes viram para o lado escolhido e a roda continua girando)

Tem uma linda laranja, menina,
só ela que eu tenho,
ela é verde e amarela,
vira “fulana” à direita, janela.
(...)”

3-

“Quebra, quebra gabiroba, quero ver quebrar.
Quebra lá que eu quebro cá, quero ver quebrar.
Aí a gente cantava os versos:
Lá trás daquela serra, quero ver quebrar.
Passa boi, passa boiada, quero ver quebrar.
Também passa o meu amor/avô, quero ver quebrar.
De cueca remendada, quero ver quebrar.”

4-

Ficava uma pessoa de um lado e as outras meninas de mãos dadas do outro canto da rua. A gente cantava assim:

(Menina 1)
Eu sou pobre, pobre sou,
mas estou ficando rica.
Sou pobre, pobre sou,
mas estou ficando rica.
(Meninas 2)
Eu sou rica, rica sou,
mas estou ficando pobre.
Sou rica, rica sou,
mas estou ficando pobre.
(Menina 1)
Eu quero uma menina, vamos embora (2x),
vamos embora daqui.
(Meninas 2)
Qual delas você quer?

Vamos embora (2x),
vamos embora daqui.
(Menina 1)
Essa eu quero, essa não quero não,
vamos embora (2x).
(Menina 1)
Eu quero é (nome da menina),
vamos embora, vamos embora.
(Todos)
Essa eu quero, essa não quero,
vamos embora daqui…
Essa eu quero, essa não quero,
vamos embora daqui…

A menina escolhida ia para o outro lado e a dinâmica da brincadeira prosseguia de forma contínua."

5-
"Fui na fonte do Tororó, beber água não achei,
encontrei foi a "Cintia" que no Tororó deixei.
Oh oh Cintia, oh Cintazinha,
entra nessa roda e ficará sozinha.
Aí respondia: sozinha eu não fico nem hei de ficar,
porque tenho a "Nida" para ser meu par.
(iam para o meio da roda e ficavam pulando)
Tira, tira seu pezinho, põe o pé no balainho,
eu passei por uma porta o cachorro me mordeu,
não foi nada, não foi nada,
quem sentiu a dor fui eu"

6-
"O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada

O cravo saiu ferido
E a rosa, despedaçada
O cravo ficou doente
A rosa foi visitar
O cravo teveum desmaio
E a rosa pôs se a chorar”

7-

Durante a brincadeira, as crianças iniciavam formando uma roda e, ao longo da cantiga, caminhavam em movimento circular até formar um “caracol”, ficando todas bem próximas umas das outras cantando:

“A rolinha fez seu ninho
para os ovos chocar,
veio a cobra, comeu os ovos
e a rolinha pôs-se a chorar.
Cala a boca, minha rola,
que a cobra vou matar,
pelos ovos que ela comeu
ela há de me pagar.”

8-

Pai Francisco entrou na roda
Tocando seu violão
DARARAM DAM DAM
Vem de lá seu delegado
E o Pai Francisco foi pra prisão
Olha como ele vem
Todo requebrado
Parece um boneco
Desengonçado

9-

Sapo Cururu na beira do rio
Quando o sapo canta, ó Maninha, é porque tem frio

A mulher do sapo, deve estar lá dentro
Fazendo rendinha, ó Maninha, para o casamento

10-

“A carrocinha pegou
três cachorros de uma vez,
a carrocinha pegou
três cachorros de uma vez.

Tralalá, que gente é essa?
Tralalá, que gente má!
Tralalá, que gente é essa?
Tralalá, que gente má!”

Na brincadeira, três crianças ficavam no meio da roda representando os “cachorrinhos”, enquanto os demais participantes giravam em volta cantando. Durante a cantiga, escolhiam-se outros participantes para ocupar o centro da roda, dando continuidade à brincadeira.

11-

“O seu rei mandou buscar
uma das filhas para casar.
O seu rei mandou buscar
uma das filhas para casar.

Minha filha eu não dou,
nem por ouro, nem por prata,
minha filha eu não dou,
nem pro sangue da lagarta.”

Cordas:

1-

“Borboleta leta, leta, leta,
quem errar é leleta.

Beterraba raba, raba,
quem errar é a diaba.
Picolé lê lê,
quem é o lê lê?
Ra, re, ri, ro, rua...” (Nesse momento, realizava-se o chamado “surrão”, momento em que a corda era girada rapidamente)

2-
“Salada, saladinha,
bem temperadinha,
com sal, pimenta, querosene, Botafogo!”
Ao pronunciar “Botafogo”, iniciava-se o “surrão” e vencia a brincadeira quem conseguisse permanecer por mais tempo pulando a corda

3-
Na brincadeira, as crianças jogavam a bola contra a parede enquanto realizavam movimentos específicos acompanhando os versos da cantiga. “De uma mão à outra” consistia em lançar a bola com uma mão e pegá-la com a outra; “de um pé ao outro” era realizado alternando os pés; “pirueta” significava girar o corpo; e “roleta” consistia em cruzar e enrolar os braços. Ao final da sequência, a bola deveria continuar sendo batida rapidamente contra a parede até que alguém errasse ou deixasse a bola cair. Vencia quem conseguisse completar toda a série
“De uma mão à outra,
de um pé ao outro,
bate palma,
braço em cruz,
pirueta,
roleta.”

4- Maria Mariola ou Maria Viola
Uma criança ficava de costas e lançava a bola para trás, enquanto os demais participantes a escondem atrás do corpo. Em seguida, cantam “Maria Viola/Mariola, com quem está a bola?”, e a criança precisa adivinhar com quem está escondida a bola.

APÊNDICE 3

Imagens retiradas no google imagens de brinquedos relatados nas entrevistas.



Bonecas de papelão

Fonte: Google Imagens



Mesa de totó antiga

Fonte: Google Imagens



Piorra

Fonte: Google Imagens



Carretel de linha

Fonte: Território do Brincar



BatBag

Fonte: Google Imagens



Piorra e piões de madeira

Fonte: Google Imagens



Pipa

Fonte: Google Imagens



Peteca:

Fonte: Google Imagens



Boneca de Capim

Fonte: Território do Brincar



Gangorra

Fonte: Google Imagens



Velocípede Bandeirantes

Fonte: Google Imagens



Birosca ou Bolinha de Gude

Fonte: Google Imagens



Carrinho de rolimã

Fonte: Google Imagens